

UMA INTRODUÇÃO À OBRA DE DAVID LEAVITT

Paulo César Silva de Oliveira

Universidade Iguazu

RESUMO: Este artigo é uma breve e sucinta apresentação da obra de David Leavitt, ficcionista americano cuja obra vem sendo traduzida recentemente no Brasil. O artigo pretende ser um guia de leitura para os leitores interessados na prosa literária americana recente, em particular, a de David Leavitt.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Americana. David Leavitt. Ficção. Gênero. Sexualidade.

Introdução

Este artigo não tem pretensões outras além daquelas estabelecidas no resumo: apresentar ao leitor brasileiro o escritor americano David Leavitt. E por que ‘apresentar’, já que se trata de autor com alguns livros já traduzidos para nossa língua? Entendemos que, embora já conte com algumas traduções de sua obra, Leavitt ainda permanece circunscrito a grupos específicos de leitores, dentre os quais podemos destacar o de tipo universitário. Pode-se ainda apontar os estudiosos da corrente crítica “Minority Discourses”, dentre as quais se destaca a “Queer Theory”. Entretanto, como todo artista universal, a obra de Leavitt ultrapassa programas e departamentos acadêmicos e ganha significação ampla, somente revelada pela leitura. Este artigo propõe fornecer alguns subsídios para interessados na prosa de ficção americana mais recente, sem perder de vista a essencial apresentação das obras de David Leavitt, essencial para a melhor divulgação do escritor entre nós.

1. David Leavitt: a escrita como missão

Aos 48 anos, David Leavitt (21/06/61 -) é dono de considerável produção literária, especialmente em algumas frentes específicas: romances, novelas, contos, ensaio, biografia, principalmente. Até o momento são seis romances: *The lost languages of cranes* (1986); *Equal affections* (1989), *The page turner* (1998), *Martin Bauman: or, a sure thing* (2000), *The body of Jonah Boyd* (2004) e *The Indian clerk* (2007); três livros de contos: *Family Dancing* (1984); *A place I've never been* (1990) e *The marble quilt* (2001), reunidos em *Collected*

stories (2003); ensaio biográfico: *The man who knew too much: Alan Turing and the invention of the computer* (2006); viagem: *Florence, a delicate case* (2002); antologias: *The Penguin Book of Gay Short Stories* (1994)¹; *Pages passed from hand to hand: the hidden tradition of homosexual literature in English from 1748 to 1914* (1997)²; uma pequena coleção de três novelas curtas, *Arkansas* (2000); além de introduções e colaborações a obras diversas (ver em nossa bibliografia, inclusive as edições brasileiras a que tivemos acesso). Como se vê, uma extensa produção de um jovem autor que conta ainda com seu trabalho intelectual na Florida University. Leavitt é ainda responsável pela edição do periódico *Subtropics*, dedicado à divulgação de novos escritores e por colaborações em várias publicações.

Deste resumo breve da produção mais conhecida de Leavitt, podemos perceber uma “militância” literária em pleno curso. Essa militância se mostra não somente na já extensa produção como também nas escolhas do autor. Para uma apreciação mais tradicional e didática, comecemos por apresentar os romances do autor.

The lost language of cranes é a estreia de Leavitt na narrativa romanesca. Na introdução à edição de 1997 (listada em nossa bibliografia), Leavitt diz que este é o livro com o qual estaria mais identificado, apesar da má acolhida dos críticos, que o classificaram como um “desapontamento”, um caso de retrocesso estudantil-universitário (LEAVITT, 1997, p. xi). Acrescentemos que o livro de estreia de David Leavitt, *Family dancing* (1984), recebeu acolhedoras e entusiásticas críticas. Para Leavitt, *The lost language of cranes* explicita a teoria de E. M. Forster, para quem um romance deve ter ou um personagem marcante ou um padrão de perfeição. No caso desta novela, Leavitt fica com os personagens. De fato, o trio central do romance – Owen, Rose e Phillip, respectivamente pai, mãe e filho – são o que se pode chamar de “personagens vivos” (retornando a Forster), cuja carga de dramaticidade aumenta à medida que lemos o romance, até culminar no belo e melancólico desfecho. O romance trata de acompanhar, por meio de um narrador heterodiegético, a vida desses três personagens principais: a homossexualidade conflituosa de Owen; a insegurança afetiva de Rose e seu casamento em crise; a coragem de Phillip e suas ilusões de jovem acerca do amor perfeito; a instabilidade financeira que ronda a todos, em uma Nova Iorque em acelerada transformação e assombrada por ameaças visíveis e invisíveis: a crise financeira, a AIDS, o conservadorismo dos anos Reagan (1980-1989), a decadência da metrópole etc.

¹ Uma nova edição, aumentada em 15 novos contos e intitulada *The New Penguin Book of Gay Short Stories* (2004) foi lançada, porém não tivemos acesso a essa edição, que se encontra esgotada.

² Há ainda as obras não ficcionais *Italian pleasures* (1996) e *In Maremma* (2001), as quais, por se encontrarem esgotadas, não pudemos ter acesso até o momento.

A metáfora do livro, recorrente, centraliza-se em um brevíssimo capítulo do livro, “The crane child” (LEAVITT, 1997, p. 201-203). Na passagem, a personagem Jerene, amiga de Phillip, encontra, acidentalmente, em um jornal de psicanálise o relato de um menino que, vivendo em um cortiço, mantido em casa pela mãe, possivelmente retardada e vítima de estupro, não mantém contato algum com o mundo exterior. Encontrado e resgatado pelo serviço social aos dois anos, a criança é observada pelos assistentes enquanto desenvolve uma estranha relação com os guindastes de uma construção vista de sua janela. Ao ser levada dali, reage violentamente e, para sempre, desenvolve uma estranha relação com os guindastes que o levam a uma instituição psiquiátrica. Adolescente, a criança só reage positivamente a objetos ligados aos guindastes. Para o menino, a janela de sua casa era um espelho e os guindastes sua relação com o mundo, de onde Jerene conclui: “whatever it is that we love, that is who we are” (LEAVITT, 1997, p. 203). Este mote acompanha a vida das personagens e faz de *The lost language of cranes*, senão um dos grandes romances de Leavitt, talvez aquele em que se denote sua mais intensa busca pelo cerne das relações interpessoais.

Equal affections (1989) continua a pesquisa de Leavitt acerca da célula familiar. Como em *The lost language of cranes*, o núcleo familiar desempenha função de destaque. Neste caso, trata-se da família Cooper, cuja matriarca, Louise, sofre de câncer há vinte anos. Seu filho Danny e sua filha April, ambos homossexuais, são personagens desta trama em que a proximidade da morte, o ativismo político e sexual, a necessidade da arte, o problema das escolhas e o conceito de dom são permeado pela compaixão do olhar humanista do autor para com sua galeria de sujeitos ficcionais. O tema da doença, em várias e multifacetadas versões, é um elemento recorrente na obra de Leavitt, como veremos, mais adiante, em outros romances e contos do autor, bem exemplificada na passagem: “Illness moved into their house like an elderly aunt in a back bedroom. It lived with them; it sat in the kitchen table with them; it became ordinary” (LEAVITT, 1989, p. 4).

Alguns anos se passaram entre *Equal affections* (1989) e *While England sleeps* (LEAVITT, 1993; 1995). Esta última seria, na vida e na obra de Leavitt, um ponto de inflexão, cujos efeitos quase destruíram sua carreira. À época do lançamento do livro, o poeta inglês Stephen Spender moveu uma ação judicial contra Leavitt, acusando-o de apropriação indevida de material protegido por *copyright*. Tratava-se, segundo Spender³, do uso de 30 páginas de sua autobiografia, *World within world*, das qual derivariam toda a trama de *While England sleeps*. Spender foi bem sucedido na ação e o livro foi retirado das livrarias, segundo

³ A carta de Stephen Spender com seu arrazoado foi publicada no *The New York Times* e pode ser lida na íntegra em <http://www.nytimes.com/books/98/04/26specials/leavitt-spender.html>.

Levitt sem que ele pudesse se defender. O caso, divulgado com notoriedade na imprensa especializada, fez com que a carreira de Levitt, autor até então com bom trânsito no *mainstream* literário, declinasse à categoria de subgênero, conforme atesta Drew Patrick Shannon.⁴ Spender ainda acusava a obra de pornográfica, por conta da franqueza com que Leavitt descrevia as relações íntimas dos personagens.

Como consequência, Leavitt foi obrigado a reescrever o romance, que seria redistribuído nas livrarias dois anos após o lançamento, em 1995. A trama de *While England sleeps* trata, na superfície, de um romance entre um empregado do metrô de Londres e um rapaz de classe média alta, mas seu fundo histórico, em que se vê o abismo da separação de classes na Inglaterra da década de 30, reflete a sombra da ameaça fascista, via Hitler na Alemanha e Franco na Espanha. Mais importante, retrata o fim de um período de liberdade, em que o sonho hedonista e a ilusão da democracia começam a se esboroar frente a um futuro iminente e ameaçador. Sob este pano de fundo histórico, político e social se desenrola a história de Brian e Edward, delineada por contornos trágicos, que incluem a Guerra Civil Espanhola, da qual o segundo participaria.

A estrutura do romance é relativamente simples. Ela se abre em um tempo narrativo em que os acontecimentos já se encerraram (1978). Brian, agora vivendo nos estados Unidos, assim descreve sua condição atual:

Nem sempre fui roteirista de cinema, como também nem sempre fui norteamericano. Certa vez, de fato, no que parece agora ser uma fase distante da minha vida, eu era inglês e dramaturgo, respeitado, ainda que nas histórias da época eu provavelmente vá ser lembrado mais pelos amigos que fiz do que pelo que escrevi. Então, em uma tarde de primavera depois do Dia da Vitória da Europa, segui um rapaz que entrou no mictório público perto da estação de metrô de Tottenham Court Road. Entramos em um reservado, e, antes que eu pudesse pegar o pau dele – estava, tenho o prazer de comunicar, proeminentemente teso –, o rapaz me botou algemas e comunicou que era agente de polícia de Sua Majestade. Amigos importantes deram um jeito de impedir a publicação da prisão nos jornais; não obstante, o incidente me deixou com má vontade com meu país de nascimento, com o resultado, com o resultado de que, três semanas após eu ter sido absolvido da acusação de atentado ao pudor por falta de provas, tomei um navio rumo à América, jurando que nunca mais voltaria à Inglaterra enquanto vivesse (LEAVITT, 2003, p. 12).

A passagem não somente delineia a atmosfera de opressão e de moralismo da Inglaterra do pós-guerra, mas explica ainda a reação de Stephen Spender quanto às passagens por ele consideradas “explícitas” e “pornográficas”. Entretanto, já neste romance, percebe-se a guinada de Levitt em direção à narrativa autoconsciente, que seria uma característica de toda

⁴ Cf. SHANNON (2001).

sua obra posterior: o jogo entre autor/personagem; a diluição das fronteiras entre linguagem coloquial e linguagem literária, entre a ficção e a história, entre a representação e o real; e a insistência em chamar a atenção do leitor para o caráter ficcional do relato:

De forma nenhuma o narrador desta história deve ser interpretado como ‘confiável’, principalmente no que se refere à história; a política daquela época me confunde agora como me confundia então; eu era um comunista social mais do que ideológico. Mais importante: como escritor, eu sempre dei mais valor ao pessoal do que ao global, pois quem, afinal, povoa nosso globo senão seres tão ridículos quanto belos? A memória pode ser um guia inconfiável, mas também é o único guia que tenho. Tenho certeza disso, porém: eu nunca mudei nada para me fazer parecer melhor (LEAVITT, 2003, p. 15).

Com os artifícios da narrativa autoconsciente, que vai delineando seu processo narrativo, à medida que escreve, Leavitt joga com seu leitor e o leva a crer em um mundo no qual, como exposto na citação anterior, a memória é enganosa e os fatos, considerados perdidos para a memória, embora venham dela, são a única possibilidade de apropriação ou rememoração do passado.

É interessante lembrar e, de certa forma, antecipar, que o episódio com Stephen Spender originou uma das três novelas de *Arkansas* (1998), “The term paper artist”, francamente sexual e homossexual, assumidamente ‘pornográfica’. Na trama, o narrador, que não por acaso se chama David Levitt, se refugia por um tempo na casa do pai para tentar vencer um bloqueio e se recobrar de uma acusação de plágio. Mesclando dados biográficos de sua desdita literária com elementos ficcionais Leavitt leva o leitor a trilhar por uma trama licenciosa, amoral e, sob certo ponto de vista, antiética. Na história, o escritor-personagem recebe a proposta de escrever um artigo para um rapaz cuja carreira universitária depende de uma boa nota na disciplina ‘Creative Writing’. Em troca do artigo, o rapaz se oferece sexualmente para o escritor, que hesita brevemente, mas acaba por escrever o artigo, recebendo, ao final, o pagamento proposto pelo serviço. A história se espalha pelo campus, e logo outros estudantes recorrem a Leavitt-personagem para que escreva seus artigos em troca dos mesmos favores. A conclusão a que o narrador chega, ao final da trama, é a de que nunca escrevera tão bem, o que se deveu, acredita, ao fato de ter escrito em troca de prazer.

Nesta bem humorada farsa, Leavitt discute problemas até então basilares para a crítica literária e para a desconstrução tão em voga à época em que a novela foi escrita: a questão do autor, da autoria, do jogo, das relações, arquitextuais, intertextuais, paratextuais, metatextuais e intratextuais, da ética da escritura etc. Mais ainda, a novela é uma resposta ficcionalizada, em tom de deboche e pastiche, autocrítica e autodesconstrutora ao episódio Stephen Spender.

Além de flertar com a *campus novel*, Leavitt revela elementos de sua poética, como a relação com seus autores preferidos e seu jogo intertextual com textos de diversos escritores, cujos frutos se darão em várias obras posteriores, como por exemplo, o *pseudo* livro de narrativas de viagem, *Florence, a delicate case* (2002). O leitor atento já verá em “The term paper artist” algumas características do que em *Florence, a delicate case* serão o material privilegiado deste suposto guia de viagem. Um bom exemplo é o do escritor E. M. Forster, um dos favoritos de Leavitt, ao lado de Henry James. Em *Florence, a delicate case*, Leavitt se vale da obra do autor em várias passagens, e logo nas primeiras páginas há referências a Forster, utilizadas para definir preliminarmente o espírito da cidade de Florença como local do suicídio e do assassinato, ou seja, apresentando-a como uma cidade passional, refúgio dos loucos, homossexuais, artistas plásticos e, principalmente, escritores:

It is no coincidence that near the beginning of E. M. Forster’s *A room with a view* (1908), the most famous novel to be set in Florence, a murder is committed in broad daylight, in the Piazza della Signoria, and witnessed by Lucy Honeychurch, who, being English, promptly faints (LEAVITT, 2002, p. 4).

Obra aparentemente diversa das anteriores, *Florence, a delicate case* é, sob a aparência de relato de viagens, mais um retrato quase ficcional da Florença imaginada por Leavitt, na qual as fronteiras entre o que é próprio da ficção e o que pertence ao universo dos guias de viagens estão borradas, apagadas pela indecisão da narrativa; ou melhor, pela vontade de pertencer a um gênero híbrido, misto de invenção e documento, guia turístico e ensaio, romance e reportagem, informação e invenção. O livro é pretexto para Leavitt traçar seu mapa ficcional e sua cartografia pessoal, nos quais residem seus escritores mais caros, espécie de terna resolução daquela angústia de influência de que nos fala Harold Bloom sob a máscara de uma memória de leitor, afetiva e de resgate. De passagem, o guia de viagens nos remete a uma Florença real e ao mesmo tempo ficcionalizada, recriada a partir da memória afetiva do autor e de suas leituras, camadas sobre camadas de livros, personagens e narradores que compuseram uma espécie de ‘terra sem mapa’, resgatando a bela imagem de Ángel Rama:

Não se encontrará registro desta terra em nenhum atlas, por maior e mais minucioso que seja. Nele se pode encontrar tudo, as Ilhas Afortunadas ou as Terras do Grande Tamerlão, mas não esta, muito menor, que se abre em direção do mar e também recua dentro de vales recatados. E, no entanto, existe (RAMA, 2008, p. 9).

Diremos ainda que o fato do desfecho de “The term paper artist” se passar exatamente em Florença faz parte do universo afetivo do autor. É na Galeria Uffizi que Leavitt-

personagem se encontra com Ben, um de seus “clientes”, já despido do uniforme de Mórmon, conforme narra. Naquela passagem, o narrador reflete sobre a natureza da arte que perseguirá e que pode servir como uma espécie de poética do autor: “Writers often disguise their lives as fiction. The thing they almost never do is disguise fiction as their lives” (LEAVITT, 1998, p. 72). Em um momento imediatamente anterior, o narrador dirá: “Sometimes I opted for life, sometimes for art. And how surprising! From this capriciousness a philosophy formed itself in me, according to which only particularities – not generalities – counted” (LEAVITT, 1998, p. 68-69).

Esse equilíbrio ou tensão entre arte e vida norteará toda a obra posterior de Leavitt, definindo sua poética como uma reflexão sobre o dom genuíno e a vontade de vida. Vida e dom: onde residirá a verdade da vida? Devem os escritores disfarçar suas vidas como ficção ou disfarçar a ficção como suas vidas?

São essas respostas que os personagens de sua novelística a partir de *The Page Turner* (1998) buscam. Neste romance, o jovem Paul Porterfield, pianista de futuro talvez brilhante, se vê diante de uma paixão por seu ídolo, Richard Kennington, de quem será, por uma noite, virador de página. Paul se vê apanhado em uma teia de relações complexas, marcadas pela dúvida sobre seus dotes musicais, além da imaturidade emocional, que o obrigará a questionar suas escolhas, acossado pela incerteza de possuir ou não o verdadeiro dom da música. *The Page Turner* deve ser lido em conjunto com *Martin Bauman; or, a sure thing*, de 2000. Nesta obra, Leavitt aprofunda o dilema entre o dom genuíno e a vontade de vida, apontando para questões éticas implicadas no processo de escolha do sujeito frente às possibilidades da vida e da arte.

Martin Bauman, jovem e promissor escritor, se vêem, da mesma forma que Paul, confrontado com a imagem grandiosa de Stanley Flint, intelectual genial e dublê de crítico, editor influente e professor. Dele, Bauman formará uma imagem mística de artista-modelo, da qual procura atabalhoadamente se livrar ou espelhar. Flint é uma das grandes invenções ficcionais de Leavitt, assim descrito:

It was said that at the beginning of the term he made his students write down their deepest, darkest dirtiest secrets and then read them aloud one by one. It was said that he asked if they would be willing to give up a limb in order to write a line as good as the opening of *A portrait of the artist as a young man*. It was said that he carried a pistol and shot it off every time a student read what he considered to be a formidable sentence.

Neste romance há outra passagem que pode ser atribuída a uma representação ficcional de um fato da vida de David Levitt: quando Bauman lança seu primeiro romance, após uma coletânea de contos aclamada, recebe críticas severas. Na mesma passagem, o leitor é informado do lançamento do livro de Stanley Flint, *The writing teacher*, apontado como o livro da década pelos especialistas, aclamado como “the literary tour de force of the decade”; “a powerfully moving meditation on art, commerce and sin” (LEAVITT, 2000, p. 339). Se soubermos que a obra de Flint se baseia em suas experiências com seus alunos em suas aulas de escrita criativa, a analogia com Leavitt-personagem de “The term paper artist” logo se estabelece.

Em nosso artigo, “Ética, autobiografia e ironia na prosa contemporânea de David Leavitt” (2006), defendíamos a ideia de uma relação explícita entre a questão de uma ética da escrita e narrativa autobiográfica norteando a obra ficcional de Leavitt. Estamos seguros, com o avanço das leituras, e a partir das novas produções do americano, de que a essas duas questões é necessário e quase imprescindível tratar das noções de dom e vitalidade, já que os personagens do ficcionista se movem nesta estrada tênue entre a vontade de vida e renúncia da mesma em prol da arte. Ser um devotado, como Henry James à causa da beleza, ou optar pela vida? É esta a gangorra em que se equilibram os personagens de Leavitt, conforme já dissemos anteriormente. Daí que suas escolhas serão permeadas por decisões, as quais invocam a questão da ética da escrita e do escritor frente a um mundo em que se esboroam as fronteiras.

Em *The body of Jonah Boyd* (2004), a questão ética estará associada ao problema da autoria. Judith ‘Denny’, secretária e amante do professor universitário Ernest Wright, reescreve e corrige os textos deste. Aparentemente submissa, ela irá se valer da chantagem para reivindicar direitos sobre os textos, dinheiro e afeto. A figura da secretária (a que guarda os segredos, a que se torna invisível, que se põe na sombra da autoria) é o emblema do romance. Novamente, discute-se o problema do dom, mas uma insistente pergunta paira: haverá autoria, ou esta noção estaria ligada a uma multidão de coparticipantes da obra? Quem escreve? De quem é o texto? Haverá possibilidade de autoria, ou o autor se apaga diante do texto e das interferências que fazem de sua escrita também escrita do outro, escrita *pelo* outro?

Após *The body of Jonah Boyd*, o último romance de Leavitt até agora lançado foi *The English clerk* (2007), cuja trama, das mais complexas devido às citações e recriações do universo acadêmico do Trinity College, em Cambridge, no início do século XX, com seus personagens históricos como Godfrey Harold Hardy, proeminente matemático inglês;

Bertrand Russel, filósofo e matemático; Ludwig Wittgenstein, também filósofo e matemático; Alfred North Whitehead, também matemático e filósofo da ciência, além de Srinivasa Ramanujan – este, dentre mais de duas dezenas de célebres pensadores, personagem central da trama –, cuja genialidade não reconhecida em seu país natal, a Índia, o fez passar anos de sua vida como em escriturário em Madras. A partir deste núcleo extenso de personagens históricos, Leavitt retoma o tema do dom, do gênio e da ética. Além disso, recupera ficcionalmente a vida de Ramanujan, uma figura das mais comoventes na história dos grandes pensadores do século XX. Extremamente familiar com números e tendo sido reconhecido por G. H. Hardy como o encontro-acontecimento mais importante de sua carreira, Ramanujan foi praticamente esquecido pela história, lacuna que o romance preenche. Mas, em última instância, *The Indian clerk* é ainda uma reflexão sobre o ato criador, sobre o talento genuíno e o ostracismo dos que foram alijados do *mainstream*. A pergunta sobre o que é a arte e sobre o que é a criação e o pensamento aqui se recarrega, com alta voltagem dramática, em que questões como o colonialismo e identidade sexual reafirmam antigas e colocam para o leitor novas obsessões ficcionais de Leavitt.

The man who knew too much: Alan Turing and the invention of the computer (2006) é misto de biografia, ensaio literário, ensaio crítico e ficção. As fronteiras entre gêneros, borradas, conforme já dissemos, lança luz no relato biográfico tradicional e distende as margens da escrita. Fiel ao universo temático gay, Leavitt recupera seus temas essenciais, também explorados em *The Indian clerk*: homossexualidade, repressão, a repressão sexual na Inglaterra pós-vitoriana, além do repetidamente citado problema do gênio e do dom.

Creemos que em nossa bibliografia, apesar de incompleta, o leitor interessado em percorrer os caminhos difusos e grandiosamente tortuosos das personagens de Leavitt terá muito sobre o que refletir. E se divertir, pois Leavitt não se furta ao olhar apaixonado com que retrata seus personagens, nem despreza a ironia, o humor e o encadeamento singular e cativante da trama, facilmente confundida com o *best seller*, mas que se revela mais e mais fonte de reflexão crítica à medida em que nos aproximamos do rico universo ficcional deste incansável escritor americano.

Referências bibliográficas:

LEAVITT, David. *Family dancing*. New York: Mariner Books, 1997 (1. ed. 1984).

- - - -. *The lost languages of cranes*. New York: Mariner Books, 1997a (1. ed. 1986). (Edição brasileira: *Linguagem perdida*. Rio de Janeiro: Globo, 1987).

- . *Equal affections*. New York; Grove Press, 1989.
- ; MITCHELL, Mark (eds.). *The Penguin Book of Gay Short Stories*. New York; London; Toronto; Auckland & Victoria: Penguin, 1994.
- : MITCHELL, Mark (eds.). *Pages passed from hand to hand: the hidden tradition of homosexual literature in English from 1748 to 1914*. Boston & New York: Mariner Books, 1997.
- . *Arkansas*. London: Abacus, 1998 (1. ed. 1997).
- . *The page turner*. New York: Mariner Books, 1998a. (Edição brasileira: *O virador de páginas*. São Paulo: Arx, 2004).
- . *While England sleeps*. London: Abacus, 1998b. (1. ed. 1993, revisado em 1995. Edição brasileira: *Enquanto a Inglaterra dorme*. São Paulo: Arx, 2003).
- . *Martin Bauman: or, a sure thing*. New York: Mariner Books, 2000. (Edição brasileira: *Uma vida de amor e mentiras*. São Paulo: Arx, 2005).
- . *Florence, a delicate case*. London: Bloomsbury, 2002. (Edição brasileira: *Florença, um caso delicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002).
- . *Collected stories*. New York & London: Bloomsbury, 2003.
- . Introduction. In: FLEMING, Keith. *Original youth: Edmund White's boyhood*. Toronto: Green Candy Press, 2003a.
- . Notes toward an opinion on gay marriage. In: PORIES, Kathy (ed.). *The M word: writers on same-sex marriage*. North Carolina: Algonquin Books of Chapel Hill, 2004, p. 29-43.
- . *The body of Jonah Boyd*. New York: Bloomsbury, 2005 (1. ed. 2004).
- . *The man who knew too much: Alan Turing and the invention of the computer*. New York & London: W. W. Norton & Company; Atlas Books, 2006.
- . *The Indian clerk*. New York: Bloomsbury, 2007.
- OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Ética, autobiografia e ironia na prosa contemporânea de David Leavitt. *Anais do X Congresso Internacional ABRALIC 2006*. Rio de Janeiro: UERJ/ABRALIC, 2006, v.1, p.1 – 10.
- RAMA, Ángel. *Terra sem mapa*. São Paulo: Grua, 2008.
- SHANNON, Drew Patrick. Courage in telling: the critical rise and fall of David Leavitt. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, vol. 6, No 4, October 2001, p. 305.

An introduction to David Leavitt's works

Paulo César Silva de Oliveira

Abstract: This essay intends to be a brief introduction to David Leavitt's works. Leavitt is a contemporary American fictionist whose books have been recently translated in Brazil. The article is a reading guide to those interested in the recent American prose, particularly David Leavitt's.

Key words: American literature. David Leavitt. Fiction. Gender. Sexuality.